

A Bioética Personalista

Personalist Bioethics *La Bioética Personalista*

Dom Elio Sgreccia*

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a Pontifícia Academia para a Vida promoveram, de 6 a 24 de julho, o curso de pós-graduação (lato sensu) em “Bioética – à luz do Magistério da Igreja”, pela PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), com o objetivo de formar um grupo de especialistas para atuar e difundir a bioética personalista, com vistas também à formação de um Instituto de Bioética no Brasil.

Dom Elio Sgreccia, presidente emérito da Pontifícia Academia para a Vida, conversou com Zenit sobre os trabalhos desenvolvidos.

1. Como o senhor avalia a realização deste curso de pós-graduação em Bioética?

Dom Elio Sgreccia: Segundo minha experiência, com mais de trinta anos, o que fazemos agora no Brasil é como uma segunda fase da difusão da bioética. Há um primeiro momento em que a bioética se difundiu pelos meios de comunicação, com notícias e artigos em jornais, debates televisivos e livros, ampliando a consciência por toda a parte. A Igreja foi a primeira a perceber essa nova sensibilidade, sobretudo nas universidades católicas, conferências episcopais e movimentos pastorais, confirmando a importância das questões atuais da bioética, especialmente diante da desordem moral que há no campo da vida humana, sentindo a necessidade de fazer um aprofundamento e de criar especialistas, em todas as áreas. Assim tem acontecido na Europa e em todo o mundo.

No segundo momento, buscou-se um aprofundamento dos temas, precisando a orientação geral da bioética, pois surgiram muitas correntes de bioética no mundo, com influências do liberalismo ético, do utilitarismo,

do contractualismo, etc., sendo necessário elaborar uma antropologia muito precisa, cujos institutos católicos, de trinta anos para cá, têm identificado com o personalismo cristão, que é também o personalismo ontológico que supera o subjetivismo e o relativismo existente nas outras correntes da bioética. Surgiu, então, uma antropologia integral da pessoa humana, com fundamentação científica, que, com a ajuda da fé e do Magistério da Igreja, consolidou o conceito de bioética personalista, que vai sendo difundido.

2. Como se desenvolveu o conceito de pessoa?

Dom Elio Sgreccia: O conceito já está implícito na filosofia socrática, em Platão e, sobretudo, em Aristóteles. Sócrates encoraja a capacidade do homem no dever de buscar a verdade e o bem verdadeiro, combate o relativismo dos sofistas e afirma a espiritualidade do homem. Platão, apresenta o corpo como “cárcere” da alma. Aristóteles fala da “unidade” do corpo e da alma, uma visão, portanto, mais profunda que o platonismo. Nessa fase, vemos apenas os elementos da pessoa, pois os filósofos indagam: “o que é o homem?”, enquanto sujeito. A palavra pessoa vem aplicada ao homem depois do cristianismo, por efeito da fé cristã. A partir da teologia da trindade, aplicou-se, também, ao homem o conceito de pessoa, não de maneira equivalente, mas de modo similar, analógica e com um fundamento real.

O homem é capaz de descobrir a verdade, de pensar e se comunicar com Deus, pois é também imagem de Deus. O personalismo cristão influenciou todas as culturas ocidentais. Com a Idade Moderna, toma importância a liberdade do homem, quando se seculariza a cultura europeia. Deus passa a não ter a mesma relevância como na Escritura e na teologia dos padres e dos teólogos da

* Presidente Emérito da Pontifícia Academia para a Vida, Roma.

Idade Média. Quando se seculariza a cultura, Deus resulta como uma abstração, fruto apenas do pensamento humano, e o homem passa a ser o centro da realidade (“a medida de todas as coisas”), com um humanismo sem Deus, ou como um Deus neutro, arquiteto do Universo, sem a encarnação de Cristo. Com isso, a Igreja passou a ser criticada, não reconhecendo o sacramento como presença de Cristo. Na exaltação do indivíduo, diminui a sacralidade da vida e a centralidade da pessoa.

No último século, os estudiosos da Europa se dedicaram com esforço em reconhecer o personalismo cristão, com a contribuição de Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Étienne Gilson e outros. As universidades católicas que surgiram nesse tempo se inspiraram no movimento neotomista, em que Santo Tomás criara o diálogo da fé com a razão, com o encontro da razão do intelecto com a teologia, como também se renovou o conhecimento da corrente agostiniana. Essa filosofia se chamou personalismo, total e real. Existe a pessoa como realidade integral, desde o início da sua existência, na concepção.

O personalismo cristão, difundido pela Igreja (e que agora temos na Bioética), de inspiração católica, valoriza a razão e a fé, que reconhece a dignidade da vida humana, desde o início até a morte natural. Atualmente, estamos sistematizando o pensamento bioético e encontramos a oportunidade de considerar o homem nas diversas fases da vida, como pessoa, uma totalidade unificada. Nesse sentido, o embrião é pessoa, em si mesmo tem o valor de pessoa, assim como a criança nascida e o enfermo têm a mesma dignidade da pessoa adulta, ou de qualquer raça, ou, ainda, de qualquer capacidade intelectual. Em todas as culturas e em todas as partes do mundo, reconhecemos a única dignidade e de cada homem e de todo homem, como escreveu Paulo VI, na *Populorum Progressio*, e como ressalta Bento XVI em sua última encíclica, *Caritas in veritate*.

3. Como o senhor vê hoje o papel da Igreja em meio aos impasses bioéticos?

Dom Elio Sgreccia: Há muitas questões complexas no debate atual. Os liberais aceitam a liberdade, mas não reconhecem a alma espiritual. Para eles, a responsabilidade tem um só critério moral, que é a liberdade. Os utilitaristas não reconhecem a possibilidade de conhecer a verdade, a não ser se for útil. Existem, portanto, muitas correntes de pensamento bioético, entre as quais, o personalismo. No diálogo com os liberais, por exemplo, afirmamos que a

liberdade se funde também no respeito da vida física, pois sem isso não há como ter liberdade, pois não há como sermos livres sem estarmos vivos. Essa é a verdadeira liberdade, com a responsabilidade frente à própria vida, a de si próprio e a dos outros. Hoje se pede o contrato das diferenças. Não se pode reduzir o bem fruto do acordo. O bem deve preceder o acordo, pois é o acordo que deve ser bom, porque é fundado no bem dos contraentes. Um modo de dialogar é deixar claro que a visão do personalismo encontra a plenitude dos valores humanos, de forma integral, e não somente quando se toma uma parte e se elimina outros elementos.

4. Como o senhor vê, por exemplo, a ação dos ateus militantes?

Dom Elio Sgreccia: A estratégia no confronto com os ateus, por mais duros militantes que sejam, é a de propor e nunca impor, pois a razão reconhece a existência de Deus como criador e fundamento de toda a realidade, da verdade e do bem, do amor, da solidariedade e fraternidade. Sem Deus, todas essas palavras são vazias. Se todo bem verdadeiro existe é por causa de tudo isso. É o Criador e Redentor que ajuda constantemente o homem, que é uma criatura rica, porém sempre frágil e exposta a contradições, ao erro, às paixões, às divisões, como demonstra a história. Os fratricídios, as guerras e toda a violência obscurecem o sentido de Deus, que é pai de todos. As sociedades também ficam obscurecidas sem Deus. O diálogo com os ateus deve ser, no entanto, paciente e contínuo, assim como com os evolucionistas, pois se existe evolução, é porque há Deus que criou a primeira matéria, no qual se deu início a evolução. No big-bang – como os cientistas chamam ao primeiro ponto de partida – a primeira célula, da primeira realidade tem uma causa tal que explique a força evolutiva. Se o evolucionismo existe, e comprova a realidade, significa que existe então um começo, com o Criador como causa do início. Esse debate está se desenvolvendo agora, superando a teoria do acaso, pois o acaso não existe. Há a causa e a ordem das coisas. A casualidade não pode explicar a causalidade.

No centenário de Darwin, houve uma semana de estudos no Vaticano, com encontros sobre o evolucionismo e o criacionismo. O papa mesmo solicitou estudos, com a participação de especialistas nos debates, que ocorreram recentemente em Castel Gandolfo. É o constante diálogo entre fé e razão, que continua.

5. Voltando ao curso de pós-graduação em Bioética. O que se espera da preparação desses especialistas no Brasil?

Dom Elio Sgreccia: Esse encontro pretende realizar a sistematização da bioética numa visão personalista coerente e fundamentada, capaz de orientar os investigadores da pesquisa biomédica, os médicos, os economistas, políticos e juristas que estão diante de interrogantes, propostas de lei, e outros tantos desafios dramáticos, como a legalização do aborto, a programação forçada dos nascimentos, a eutanásia, os experimentos sobre o homem, a utilização de células-tronco embrionárias em pesquisas, etc. O bem comum só é possível com o bem de todas as pessoas, de cada pessoa humana, em todos os aspectos.

Essa sistematização do pensamento bioético ajuda a dar fundamento à dignidade da pessoa humana. É um trabalho preliminar a qualquer lei, a qualquer progresso da sociedade. A última encíclica do Papa, *Caritas in veritate*, também destaca as questões da vida e dos problemas bioéticos, cujos esforços dos estudiosos estão buscando

garantir a dignidade da pessoa humana, tendo em vista tantas ameaças existentes. Nesse sentido, essa atual fase de sistematização se faz necessária e é decisiva para a elaboração de uma antropologia bioética. Isso já acontece em alguns países. Por isso, penso que – com a ajuda dos especialistas – também no Brasil é possível seguir o exemplo de outros países, com a criação de institutos universitários de bioética, que pode surgir no interior da Universidade, especialmente nas Faculdades de Medicina, Biologia, Direito, Educação, Teologia e Filosofia, etc. É preciso, portanto, animar as pessoas de nível universitário, para viabilizar cursos de especialização, com os critérios reconhecidamente científicos, ampliando, assim, o aprofundamento do conhecimento, dialogando eticamente com todos os demais setores da vida acadêmica (de genética, anatomia, medicina, filosofia, etc.).

*Entrevista concedida a Zenit.
Rio de Janeiro, terça-feira, 21 de julho de 2009.*